

Aprendizagem e prática musical de três bandas de música: um estudo exploratório

Scarlat Suiti

skarlatsbs@gmail.com

Juliana Bischoff

bischoffjuliana@gmail.com

Wellington Tangi

wellingtontangi@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá - UEM

Comunicação

Resumo: O presente estudo analisa três bandas de música da região de Maringá - PR, com integrantes com a idade entre 15 e 28 anos, de estilos musicais distintos. Com o propósito de verificar qual a relação, métodos de estudo, ensaio e perspectivas em relação à música, foi desenvolvido um pesquisa exploratória que teve como técnica de coleta de dados a entrevista semiestruturada. Os resultados indicam que é comum, entre os autodidatas, a utilização de vídeo aulas e mídias, no processo de aprendizagem. O estudo de música sistematizado é em menor proporção e em duas das bandas há músicos que leem partituras e fazem aulas com professores e músicos que aprenderam a tocar por outros meios. Também constatamos que alguns membros utilizam-se da internet para terem acesso ao repertório que desenvolvem e que ouvem no dia-a-dia. Dentre esses músicos somente uma pequena parcela tiveram um apoio significativo por parte da família para desenvolverem o estudo e um trabalho com a música, e também uma pequena parcela pretende desenvolver a carreira como músicos. Nenhuma das três bandas buscam sucesso, mas se preocupam em agradar o público e desenvolver um repertório que também lhes tragam prazer.

Palavras chave: Bandas de música. Música e juventude, aprendizagem musical.

Introdução

Em alguns casos, a prática musical entre jovens começar em grupos de amigos que se reúnem para executarem músicas de seu dia a dia, por hobby, formando assim uma banda. Entre as práticas musicais de adolescentes tem sido crescente o surgimento de bandas juvenis com o objetivo de tocar um repertório que esta disponível nos meios de comunicação (Souza atall, 2003, p. 68).

Como acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação Musical, da Universidade Estadual de Maringá, tivemos como atividade da disciplina Educação Musical II, entrevistar três bandas juvenis para melhor compreender a constituição e

funcionamento das mesmas. A proposta se deve ao fato da ementa da disciplina prever o estudo de juventude e música. Neste tema foi lido e discutido em sala o conceito de juventude, o mercado de trabalho e a relação com a mídia (Dayrell, 2003; Serres 2013), além de pesquisas no campo da educação musical envolvendo esta temática como Arroyo (2013) Souza; Hentschke, Bozzetto, Cunha, e Bonilla (2003). A partir das leituras e discussões, fomos a campo para conhecer a dinâmica de três bandas de estilos musicais distintos, tendo atuações e perfis diferentes, com integrantes com a faixa etária entre 15 e 28 anos, na cidade de Maringá - PR. Desenvolvemos uma pesquisa exploratória por meio de entrevistas semiestruturadas individuais e coletivas com os integrantes das bandas e assistimos a ensaios das bandas no período de abril a junho de 2015. Assim, investigamos qual a formação musical dos integrantes das bandas, como ocorre a escolha de repertório e os ensaios, bem como as apresentações musicais.

Descrição das bandas

As bandas entrevistadas foram: banda 1¹, *banda 2* e banda 3.

A banda 1 a princípio o integrante do mesmo, que já atuava no meio artístico, cantando e tocando violão em eventos, viu necessidade de agregar mais integrantes a seu trabalho formando assim um trio, um contrabaixista e um percussionista continuando com o mesmo nome de sua formação original.

Houve a necessidade de incrementar o trabalho percussão, contrabaixo fazer um som um pouco mais completo os eventos que pediam isso eu acabei formando o trio. Os três se conheciam já, o baixista conhecia desde os sete anos de idade o percussionista eu trabalhava com ele (integrante banda 1, 2016, p. 3).

No início se apresentavam cobrando pouco e até mesmo sem custo nenhum para mostrar a nova formação do grupo para o público. “[...] ganhando pouco, mas mostrando para o público o que a gente fazia e assim afinando também a questão de ensaio, festa de amigos, churrasco tudo quanto é coisa” (integrante banda 1, 2016, p. 4). Após este período de divulgação, eles afirmam que se apresentam todos os finais de semana, em toda região e mantém duas datas fixas por mês no bar do integrante banda 1

¹ Os nomes e as falas dos integrantes das bandas foram alterados por questões de ética, sendo citada neste trabalho a transcrição de um caderno de entrevista de 33 páginas elaborado em março de 2016.

Já a banda 2, tem sua atuação no meio religioso. Inicialmente os integrantes montaram a banda a partir da vontade de tocar músicas que gostam e assim foram surgindo à oportunidade de mostrar seu trabalho para outros públicos. A banda é formada por adolescentes que tem como objetivo tocar na igreja e em eventos religiosos, sem a pretensão de se profissionalizar. Segundo um dos integrantes da banda 2, eles buscam executar músicas a partir do que gostam e em paralelo agradam aos gostos dos ouvintes: “procuramos tocar músicas que gostamos e que de fato os outros jovens da nossa idade também gostam. De certa forma acabamos levando uma música nova e diferente a eles e os fazendo a se sentirem bem como nós”. (integrante banda 2, 2016, p. 11).

A banda 3, foi formada há um ano e é constituída por cinco integrantes sendo: um vocalista que também é o baixista, um percussionista, um guitarrista e violonista, uma violinista e um trompista. Sendo esta formação fora dos padrões tradicionais, os ensaios são semanais e a Banda desenvolve principalmente o repertório da MPB e pop rock.

Mais MPB, a gente tenta pegar alguma coisa de pop rock algo que seja a cara da banda [...]. A gente tenta mesclar, porque tem que agradar todos que estarão em um barzinho, conversando, ouvindo, temos que agradar a todos. Mais 80% do nosso repertório é MPB. (integrante banda 1, 2016, p. 21).

A princípio o objetivo da banda era tocar as músicas por *hobby*, porém começou a surgir oportunidade de tocar em bares, assim a banda está trilhando um perfil voltado para o profissional: “[...] quando a gente começou a ensaiar a gente começou a tocar pra gente, a gente não estava ensaiando com a pretensão de tocar em algum lugar, ai depois que a gente foi pensando, ai surgiu de a gente tocar nesse barzinho, foi tipo do nada que surgiu [...]. Agora pra frente é correr atrás de gravar” (integrante banda 3, 2016, p. 21).

Aprendizagem musical

Nas bandas entrevistadas há músicos que são autodidatas e os que possuem conhecimentos sistematizados. Os integrantes X, e Y (banda 2 e 3) relatam que seus aprendizados não foram sistematizados. O aprendizado de ambos ocorreu em forma

de troca de experiências com amigos e pesquisas na internet como auxílio à suas práticas. O integrante X fez algumas aulas de baixo, mas teve interesse pelo violão o qual começou a tocar com auxílio dos amigos diz: -“meus amigos me ensinavam os acordes de violão e eu fui aprendendo”. O mesmo continuou sua aprendizagem sozinho com auxílio da internet e mídias e se definiu pelo violão que é seu instrumento juntamente com a voz.

O antigo espaço de concentração do saber se dilui. Ninguém precisa deslocar-se para aprender alguma coisa. Diante disso, sentimos ser necessária uma mudança no ensino, tal como os gregos precisaram criar a Pedagogia quando da invenção da escrita. Afinal, a/o polegarzinha/o têm sua cabeça fora de seu corpo: o computador funciona como uma cabeça bem cheia, na qual é possível acessar a qualquer informação. Ele/a não mais precisa do saber transmitido. Se a cabeça das gerações anteriores servia para acumular saberes, hoje há um vácuo no lugar dessa cabeça, no qual é possível criar e inventar. A escola muda sua função? Viveríamos o fim da era do saber? (CALDEIRA 2014, p. 188).

Na mesma direção Z começou a tocar cajon, e mais tarde dedicou-se a bateria. O vocalista e baixista W aprendeu alguns acordes de violão e os adaptou para o baixo elétrico. Tanto W e quanto Z, adquiriram seus conhecimentos de música através de vídeos-aulas disponíveis na internet. Com exceção do canto, X diz não ter conhecimento algum de técnica vocal.

X fez algumas aulas no início apenas para dar seus primeiros passos e assim foi se desenvolvendo sozinho. Em direção oposta, A faz aulas periódicas com um professor. É importante enfatizar a influência que terceiros tiveram em seus processos de aprendizagem.

A, B e C relatam que houve incentivo da família. “Eu via meu primo tocando na igreja e me interessei” (integrante B, 2016, p. 27). “[...] meu primo tocava baixo, comecei a gostar e pedi pra ele me ensinar” (integrante A, 2016, p. 16). Os pais do integrante C também o incentivaram a começar e assim o interesse por continuar foi consequência.

[...] a minha irmã tocava teclado e eu comecei a fazer aula de violão enquanto ela tinha aula, mas foi por incentivo dos meus pais”. No começo eu quis parar, mas meus pais sempre me incentivavam, mas depois comecei a gostar muito e resolvi continuar (Integrante C, 2016, p. 28).

Os músicos D (violão e guitarra), E (violino) e F (trompa), tiveram ensino sistematizado de música, voltado para o estilo da música erudita, tendo os três conhecimentos teóricos musicais. O músico D adaptou os conhecimentos do violão clássico para tocar a guitarra elétrica.

Ensaio e repertório

Com relação aos ensaios, as bandas se diferem na frequência e tempo. A banda 2 revela que ensaia periodicamente em um dia pré-estabelecido, mantendo uma regularidade, com a possibilidade de ensaios extras quando preciso: “ensaíamos todos os sábados, duas horas em média, mas quando vamos tocar em algum lugar ou quando tem alguma música nova ensaiamos mais vezes” (integrante W, 2016, p. 18). Acreditam que o ensaio é uma ótima maneira de estudo em conjunto, sendo um momento de troca de informações e experiências entre si.

A busca por incorporar músicas novas a seu repertório exige uma regularidade nos estudos e aprimoramento de técnica.

Gostos e estilos geralmente ditam a escolha das novas músicas para o grupo. Buscando executar músicas de seus ídolos dentro de um sentimento comum, tomam para si um desafio no estudo da peça, usando de recursos para tal. Tiramos as músicas por cifra, através de vídeos ou apenas ouvindo. (integrante W, Banda 2, 2016, p. 19)

Sobre o repertório, W afirma que estão “tocando mais louvores. São músicas que falam sobre Jesus, mas não tem o mesmo impacto que uma música de adoração”(2016, p. 19). Ele explica que dentro do repertório gospel, eles priorizam o rock, e se espelham em bandas como *Hillsong*, *Oficina G3*, *Paulo César Baruk*, *Megafone*. E que seguem muito *Hillsong* que é espelho para eles.

A Banda 3 tem ensaios semanais, toda sexta-feira, das 20h30 às 24h. Os ensaios são, na maioria das vezes, na casa do guitarrista e violonista. Quando precisam ensaiar o repertório que utiliza bateria os ensaios são transferidos pra casa do percussionista, para não precisar deslocar a bateria.

Uma das especificidades da *Banda Pop* no gosto musical diversificado dos integrantes da banda. A violinista e o trompista ouvem mais o repertório erudito e também tocam em uma orquestra, embora ouçam e toquem outros estilos: “também

gosto bastante de pop, e eu gosto também bastante de música nacional, rap nacional eu gosto” (trompista). Já o Violonista e guitarrista não ouvem erudito, e se identifica com outros estilos: “música popular, rock, pop, não sou muito chegado igual a violinista, em música erudita, basicamente pop e rock” (Integrante A, 2016, p. 14). Contudo, o ecletismo musical da banda não impede que eles decidam o repertório conjuntamente. Um dos aspectos que consideram é a aceitação do público. Assim, na busca de agradar um público maior, a banda mescla MPB e pop rock nacional e internacional: “Mais MPB, a gente tenta pegar alguma coisa de pop rock (...) porque tem que agradar todo mundo que vai estar num barzinho conversando, ouvindo, a gente tem que agradar todo mundo” (integrante D, 2016, p. 14).

Diferente das outras bandas o a banda 1, não tem ensaios periódicos ou pré-definidos: “A gente só ensaia quando tem música nova” (integrante X, 2016, p. 8). Só ensaiam quando o público sugere música nova para o repertório, que é escolhido a partir do que acham que irá agradar a maioria de seu público. “Nós escolhemos pegar a MPB, pop, rock, rock nacional e reggae nacional porque são músicas que as pessoas se identifiquem mais facilmente, elas decoram a letra elas conseguem cantar junto então a interação fica muito maior” (Integrante Y, 2016, p. 8). Eles seguem com um pré-repertório pronto, esperando sentir o que o público quer ouvir para decidir o que cantar no devido momento.

Não aquela coisa ensaiadinha, algumas músicas estão ensaiadinha, mas a maioria eu começo no violão e eles vêm atrás, por que eu tenho que sentir o público pra decidir o repertório dependendo do que as pessoas pedem, o que a energia que está sendo passada ali vai ser o repertorio e isso dá muito certo. (Integrante X, 2016, p. 8)

E segundo os mesmos, por isso só tocam músicas que se tornaram hits, pois desta forma o público se identifica e canta junto.

Apresentações musicais e remuneração

A Banda 2 deixa exposto que seu intuito no meio musical gospel é a adoração a Deus: “procuramos levar as pessoas à adoração e mais perto de Deus através da nossa música [...] Teve uma igreja que fomos tocar e eles quiseram nos dar um pagamento, mas não aceitamos e demos de oferta” (integrante W, 2016, p. 19). Esta afirmação

expõe uma ideia clara do grupo e demonstra que eles não têm como intuito principal um retorno financeiro por suas apresentações.

A banda 1 começou a tocar sem cobrar para poder divulgar seu trabalho: “a gente fez um trabalho inicial onde tocava em vários eventos pra mostrar o trabalho” (integrante X, 2016, p. 9). Após um período divulgando a banda, com ou sem nenhuma remuneração, conquistaram um público que garante uma agenda remunerada para quase todos os finais de semanas. A banda parece satisfeita com a ascensão que tiveram e explicam que o desejo sempre foi ser “reconhecido musicalmente”, sem aspirações para pop star com “mulheres gritando na multidão”, não querem “exagero” (Integrante X, 2016, p. 10). O ideal do grupo é compartilhado por todos os integrantes: Integrante Y, conta que não querem “nada muito ambicioso, ninguém se veste como artista... eu digo que existem músicos e artistas, nós somos músicos”. (2016, p.10)

A Banda 3 começou com a intenção de tocarem para si mesmos. Integrante B diz:

A gente estava no primeiro ano [do Ensino Médio], e na verdade era uma mostra cultural que tinha no colégio, e na mostra cultural tinha a abertura que era uma noite de apresentações do colégio inteiro. Aí a gente já tinha feito um trabalho que era pra escrever uma música que era sobre um tema da escola. Aí a gente pegou, eu o Raul e um cara que tocava bateria, - vamos fazer um grupo pra ensaiar umas músicas pra tocar nessa mostra cultural, aí que a gente começou a ter um negócio de música. (2016, p.6).

Após a apresentação na escola surgiu à oportunidade de tocar em um barzinho, lugar que atuam mais por diversão: “pra mim está mais como uma diversão mesmo do que como trabalho. Eu gosto” (Integrante A, 2016, p. 6). Embora afirmem não terem muita pretensão em conquistar o mercado musical, integrante D afirma que deseja que a banda continue, que possam se apresentar “sempre”.

Pensando em um futuro próximo e a organização do grupo após a primeira apresentação pública o grupo decidiu o destino do dinheiro do cachê juntos. Assim quando entrevistados sobre a renumeração do grupo integrante D responde “A é um matemático então a gente faz o cachê, o dinheiro fica com ele, e esse dinheiro é destinado pra comprar os equipamentos pra banda. A gente tenta investir na banda [...]”. E B concorda afirmando “o dinheiro que a gente toca em barzinho vai só pra banda, ninguém pega individual, até hoje ninguém pegou, é pra banda como um

todo”. (2016, p. 7).

Os relatos mostram que não há consenso entre as bandas. Há a que toca por prazer, a que busca reconhecimento e a que prioriza a diversão sem perder de vista a remuneração para investir na própria banda. Deste modo, os locais de apresentação e os convites aceitos, ou a busca de espaços para tocar, estão vinculados ao objetivo dos músicos envolvidos.

Considerações finais

Neste artigo apresentamos os resultados de uma pesquisa exploratória que teve por meta conhecer a dinâmica de funcionamento de três bandas não profissionais de Maringá. A partir de leituras e discussões sobre música e juventude, fomos à campo conhecer a dinâmica de constituição e as práticas musicais de bandas composta por jovens.

Os resultados indicam que é comum, entre os autodidatas, a utilização de vídeo aulas e mídias, no processo de aprendizagem. O estudo de música sistematizado é em menor proporção e em duas das bandas há músicos que leem partituras e fazem aulas com professores e músicos que aprenderam a tocar por outros meios. Também constatamos que alguns membros utilizam-se da internet para terem acesso ao repertório que desenvolvem e que ouvem no dia-a-dia. Dentre esses músicos somente uma pequena parcela tiveram um apoio significativo por parte da família para desenvolverem o estudo e um trabalho com a música, e também uma pequena parcela pretende desenvolver a carreira como músicos. Nenhuma das três bandas busca sucesso, mas se preocupam em agradar o público e desenvolver um repertório que também lhes tragam prazer.

Finalizando, cabe registrar que juntamente as discussões teóricas em sala e os resultados provenientes da pesquisa exploratória, um dos ganhos desta atividade foi o exercício de ir a campo, entrevistar, transcrever e analisar os dados e escrever este texto. Não há dúvidas de que a prática da organização das ideias e escrita do texto contribuiu para a formação acadêmica enquanto educadores musicais.

Referências

ARROYO, Margareth. Jovens e música: um guia bibliográfico. São Paulo: UNESP, 2013.

CALDERIA, Maria Carolina da Silva. Cabeças Vazias e Dedos Velozes. Uma análise da Sociedade Pedagógica. Artigo retirado da revista: Revista Teias v. 15 • n. 37 • 187-190 • (2014): Formação Docente: Memórias, Narrativas e Cotidianos. Página: 187.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>. No 24. p. 40 a 52. Set /Out /Nov / Dez 2003.

SERRES, Michel. Polegarzinha: Uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SOUZA, Jusamara; HENTSCHE, Liane; BOZZETTO, Adriana; CUNHA, Elisa; BONILLA; Cunha Karine. Práticas de aprendizagem musical em três bandas de rock. http://www.musica.ufmg.br/permusi/port/numeros/07/num07_cap_05.pdf. Per Musi. Belo Horizonte, v.7, 2003. p. 68-75.

TANGI, Wellington; SUITI, Scarlat; BISCHOFF, Juliana. Caderno de entrevista: Análise de aprendizagem e prática musical de três bandas de música da região de Maringá - PR. Maringá- UEM, p. 3-28.